

# Transtornos mentais comuns entre acadêmicos de enfermagem de universidade federal no isolamento social

Nursing professionals facing the psychological aspects present in the surgical center: training and practice

Trastornos mentales comunes en estudiantes de enfermería de la universidad federal durante el aislamiento social

Carolina de Freitas Chehab<sup>1</sup>, Jorge Luiz Lima da Silva<sup>2</sup>, Cláudia Maria Messias<sup>3</sup>, Maria da Soledade Simeão dos Santos<sup>4</sup>

Como citar esse artigo. Chehab CF, Lima Da Silva JLL, Messias CM, Simeão dos Santos MS. Transtornos mentais comuns entre acadêmicos de enfermagem de universidade federal no isolamento social. Rev Pró-UniverSUS. 2023; 14(2):30-42.



## Resumo

A saúde mental abrange a capacidade de enfrentar obstáculos e ser resiliente, lidar com o estresse diário normal, ser capaz de contribuir nas questões sociais e na promoção da paz e estabilidade das comunidades. Os transtornos mentais comuns (TMC) têm importante prevalência, com sintomatologia difusa e pouco detectada em diversos grupos. Estudantes universitários são acometidos por TMC e são, portanto, um grupo populacional de interesse para que o percurso acadêmico seja menos adoeecedor e mais proveitoso. Buscou-se conhecer o perfil sociodemográfico e de vida acadêmica dos alunos de enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), observando a incidência de TMC, durante a pandemia de covid-19. Materiais e métodos: estudo epidemiológico seccional descritivo e analítico, com associação estatística para analisar a influência do isolamento social nos TMC. Os participantes de pesquisa foram questionados sobre a vida acadêmica e aspectos sociodemográficos. Resultados e Discussão: a prevalência global de suspeição para TMC foi de 71,1%. Sexo feminino apresentou suspeição para TMC com significância estatística (76,8%,  $p \leq 0,0001$ ). No quesito vida acadêmica, a qualidade do acesso à internet (\*péssima, 100,0%,  $p = 0,032$ ) e não ter ambiente próprio para estudo (92,6%,  $p=0,004$ ) também se associaram positivamente com TMC. Considerações finais: a prevalência de suspeição para TMC foi mais frequente no sexo feminino, como visto também em outros estudos com populações universitárias. Ressalta-se a importância de acompanhar de perto a população estudada no âmbito da saúde mental, pois tornar-se-ão profissionais de saúde em breve e cuidarão de outros indivíduos em aspecto global.

**Palavras-chave:** : Estudantes de Enfermagem; Transtornos Mentais Comuns; Pandemia.

## Abstract

Mental health encompasses the ability to face obstacles and be resilient, to deal with normal everyday stress, to be able to contribute to social issues and to promote peace and stability among communities. Common mental disorders (CMD) have an important prevalence, with diffuse symptoms and few detected in several groups. University students are affected by mental health issues and are, therefore, an interesting population group so that the academic path is less sickening and more profitable. We aimed to know factors related to academic life and demographic profile of nursing students at the Universidade Federal Fluminense (UFF), finding the incidence of CMD during the covid-19 pandemic. Material and methods: descriptive and analytical epidemiological study with a cross-sectional design to statistically associate to analyze the possible influence of social isolation in CMD. Participants were asked about academic life and sociodemographic aspects. Results and Discussion: the overall prevalence of suspicion for CMD found was 71.1%. Female sex (76.8%,  $p \leq 0.0001$ ) was statistically associated with CMD. Regarding academic life, the quality of internet (very bad, 100.0%,  $p = 0.032$ ) and lack of proper environment for studying (92.6%,  $p = 0.004$ ) were also positively associated with CMD. Final considerations: the prevalence of suspected CMD was more frequent in females, as also seen in other studies with university populations. The importance of closely monitoring the population studied regarding mental health is highlighted, since they will soon become health professionals who will be caring for other individuals in a global aspect.

**Keywords:** Nursing Students; Common Mental Disorders; Pandemic.

## Resumen

La salud mental abarca la capacidad de enfrentar obstáculos y ser resistente, lidiar con el estrés diario normal, ser capaz de contribuir a los problemas sociales y promover paz y estabilidad en comunidades. Los trastornos mentales comunes (TMC) son muy prevalentes, con síntomas difusos y poco detectados en diferentes grupos. Los estudiantes universitarios se ven afectados por TMC y son un grupo poblacional de interés para que el camino académico sea menos enfermizo y más rentable. Buscamos conocer el perfil sociodemográfico y vida académica de los estudiantes de enfermería de la Universidade Federal Fluminense (UFF), observando la incidencia de TMC durante la pandemia de covid-19. Materiales y métodos: estudio epidemiológico transversal descriptivo y analítico, con asociación estadística para analizar la influencia del aislamiento social en la TMC. Se preguntó a los participantes de la investigación sobre la vida académica y aspectos sociodemográficos. Resultados y Discusión: La prevalencia global de sospecha de TMC fue 71,1%. El género femenino presentó sospecha de TMC con significancia estadística (76,8%,  $p \leq 0,0001$ ). En cuanto a la vida académica, la calidad del acceso a internet (mala, 100,0%,  $p = 0,032$ ) y no tener un ambiente de estudio propio (92,6%,  $p=0,004$ ) también se asociaron positivamente con TMC. Consideraciones finales: la prevalencia de sospecha de TMC fue más frecuente en el sexo femenino. Se destaca la importancia del seguimiento cercano de la población estudiada en el campo de la salud mental, ya que se convertirán en profesionales de la salud y cuidarán de otros individuos a nivel global.

**Palabras clave:** Estudiantes de Enfermería; Trastornos Mentales Comunes; Pandemia.

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Mestre em Saúde Coletiva do curso de pós-graduação do Instituto de Saúde Coletiva (ISC), da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói-RJ, Brasil. E-mail: carolinafc22@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5998-5965>

<sup>2</sup>Docente. Depto. Materno Infantil e Psiquiatria. Universidade Federal Fluminense – UFF. Doutor em Saúde Pública/ Fiocruz. Membro colaborador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva-UFF. E-mail: jorgeluzlima@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2370-6343>.

<sup>3</sup>Docente. Depto. Materno Infantil e Psiquiatria. Universidade Federal Fluminense - UFF. Doutora em Enfermagem/ UFRJ. <https://orcid.org/0000-0002-1323-0214>

<sup>4</sup>Docente. Depto. Metodologia de Enfermagem. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Doutora em Enfermagem/ USP. E-mail: mariadasoledade@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4493-1045>.

\* Email de correspondência: jorgeluzlima@gmail.com

Recebido em: 19/07/23. Aceito em: 14/08/23.

## Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem alertado o mundo acerca da importância da saúde mental no bem-estar geral em saúde, e vem sendo entendida como múltiplas e complexas interações entre fatores biológicos, sociais, econômicos e psicológicos. É urgente rever as políticas em saúde mental para as efetivas promoção e defesa dos direitos humanos<sup>1</sup>.

Transtornos mentais comuns (TMC), como depressão e ansiedade, têm um impacto significativo na saúde, direitos humanos e economia. Esses transtornos prejudicam o funcionamento diário e estão associados a sintomas como insônia, fadiga, irritabilidade, dificuldade de concentração e queixas físicas. A depressão é uma das principais causas de suicídio, com um grande número de mortes a cada ano. Esses transtornos têm um custo econômico global enorme, estimado em trilhões de dólares anualmente. No entanto, apenas uma pequena proporção das pessoas afetadas recebe tratamento adequado, devido à falta de recursos, estigma social, diagnóstico impreciso e escassez de profissionais capacitados<sup>2-4</sup>.

O estresse relacionado ao trabalho e aos estudos tem despertado interesse global em pesquisas. A competição e o estilo de vida atual são fatores estressores. No contexto universitário, as avaliações e a transição para um nível de educação mais avançado são fontes de estresse prejudicial à saúde mental dos estudantes. As mulheres são mais afetadas devido às múltiplas responsabilidades que enfrentam, como trabalho, tarefas domésticas e estudos. A falta de apoio social, tempo para lazer, desvalorização profissional e desigualdade de renda são fatores adicionais que podem desencadear TMC<sup>5-7</sup>.

Durante a pandemia do novo coronavírus, em decorrência da necessidade de controle da disseminação do vírus e de se evitar o colapso dos sistemas de saúde, muitas medidas restritivas foram implementadas globalmente e em várias esferas: laboral, educacional, social, comercial. A propagação de informações falsas gerou insegurança e afetou a saúde mental. O impacto emocional foi sentido desde o início, sobrecarregando hospitais e afetando pacientes e profissionais de saúde. Os estudantes universitários também foram particularmente afetados, enfrentando muitos desafios acadêmicos. Em um mundo globalizado e conectado por dispositivos eletrônicos através da internet, as tecnologias foram amplamente utilizadas para novas configurações de trabalho e estudo, com consequências também danosas aos aspectos psicológico e emocional na saúde<sup>8-13</sup>.

Durante o isolamento, os estudantes universitários enfrentaram desafios significativos, além daqueles normalmente conhecidos como altas cargas de trabalho,

ajustes sociais e transição para a vida adulta. A necessidade de adaptação rápida às mudanças acadêmicas em função da pandemia podem ter aumentado os TMC nessa população. A pressão do currículo extenso e a busca por uma abordagem humanizada na formação de profissionais de enfermagem também contribuem para altos níveis de estresse. O período pandêmico intensificou essas situações estressantes, levando a uma maior preocupação com a saúde mental dos estudantes universitários, que estão se preparando para enfrentar desafios futuros na área da saúde<sup>14-19</sup>.

Estudos epidemiológicos anteriores à pandemia apontam que estudantes das áreas de saúde têm mais TMC do que de outras áreas. Pesquisas estão sendo realizadas para identificar e oferecer apoio emocional e social adequados aos estudantes universitários. A pesquisa focou em estudantes de graduação em enfermagem de uma universidade federal para identificar sinais de transtornos emocionais e psicológicos. O objetivo foi fornecer suporte e apoio social e emocional para evitar o agravamento desses estados, direcionando-os adequadamente para o tratamento necessário. A pesquisa investigou a relação entre a vida acadêmica e os TMC entre os estudantes de enfermagem da Universidade Federal Fluminense (UFF), durante o isolamento social devido à pandemia de covid-19. Também foram analisadas possíveis associações entre os TMC e as atividades acadêmicas<sup>15,17,20,21</sup>.

## Metodologia

O presente trabalho, desenvolvido como dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em sSaúde Coletiva (PPGSC) da UFF, foi um estudo epidemiológico observacional seccional (transversal) descritivo e analítico, com avaliação entre exposição e efeito (desfecho).

O protocolo da pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Cultural de Campos – Centro Universitário Fluminense (UNIFLU), atendendo as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo humanos, conforme a Resolução CNS 466/2012. O projeto foi aprovado sob o número do parecer 4.249.624 (CAAE: 35501620.9.0000.5583).

A população do estudo compreendeu 187 estudantes da Escola de Enfermagem Aurora Afonso da Costa (EEAAC), da UFF, de ambos os sexos, regularmente matriculados e com idades entre 18 e 60 anos (critérios de inclusão). Foram excluídos os alunos com situação irregular, abandono ou ausência maior do que 3 meses e aqueles que se transferiram para a UFF há menos de um semestre.

Considerando-se uma população homogênea, nível de confiança de 95%, erro amostral de 5% e

incidência de 20% de TMC, a partir do total de 468 estudantes matriculados em março de 2020, obtive-se, para fins de cálculo amostral, o mínimo de 162 participantes para a pesquisa, que teve natureza do tipo censo.

Após a abordagem e a explicação dos objetivos da pesquisa, os participantes que aceitassem participar do estudo, forneceram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Somente após o aceite, os questionários eram disponibilizados para os participantes da pesquisa. A qualquer momento, o participante poderia solicitar voluntariamente a saída da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionários online que foram elaborados de forma clara e compreensível para incentivar os participantes a responderem todas as questões, minimizando erros ou dados ausentes<sup>22-24</sup>.

Os questionários incluíram perguntas sobre o perfil demográfico, suspeição de TMC (*Self-Report Questionnaire-20* – SRQ-20) e sobre a vida acadêmica. O SRQ-20 é amplamente utilizado para estimar casos suspeitos de TMC em populações, é validado pela OMS, possui sensibilidade e especificidade de cerca de 80% e classifica os resultados em *sujeitos não suspeitos* (<5 ou 7 respostas positivas) e *sujeitos suspeitos* (>5 ou 7 respostas positivas). No presente trabalho, escolheu-se como ponto de corte de 7 respostas positivas para a classificação de *sujeito suspeito*, baseado em estudos anteriores na literatura<sup>5,19,25-29</sup>.

A coleta das respostas ocorreu entre setembro e dezembro de 2020. Os dados de todos os participantes foram alocados no e-mail cadastrado para o projeto pois os formulários haviam sido elaborados no *Google Forms* e ficaram disponíveis entre setembro e dezembro de 2020. As análises estatísticas foram feitas usando os softwares *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS®), versão 21, RStudio e Microsoft Excel®.

Para a descrição do perfil sociodemográfico e de vida acadêmica dos participantes de pesquisa foi realizada uma análise univariada. Estas variáveis foram avaliadas a partir de seções organizadas por assuntos ou estratos como, por exemplo, idade, sexo e renda per capita por salário-mínimo, período de graduação, adaptações das atividades acadêmicas, dentre outras. A classificação proposta pelo IBGE foi usada em relação ao variável cor de pele autorreferida. O questionário de perguntas sociodemográficas incluía ainda outras variáveis como ‘situação conjugal’, ‘presença ou não de filhos’, dentre outras<sup>30</sup>.

Os valores absolutos e as proporções foram calculados para as variáveis categóricas. As frequências médias com respectivos desvios-padrões foram calculados para as variáveis contínuas.

As variáveis organizadas em estratos foram submetidas a análise bivariada, segundo as respectivas médias encontradas, quando pertinente.

Durante as análises bivariadas em tabelas de contingência foram utilizados o teste qui-quadrado de Pearson ( $\chi^2$ ) e o teste exato de Fischer para verificar diferenças entre os grupos e o valor  $p \leq 0,05$  foi considerado na avaliação de significância. As análises bivariadas e estratificadas foram realizadas para a possível identificação de associação entre as variáveis e suspeição de TMC<sup>31,32</sup>.

As variáveis com significância estatística ( $p \leq 0,05$ ) para o desfecho analisado (suspeição para TMC) foram consideradas potenciais confundidoras, partindo-se da observação dos resultados dos testes de qui-quadrado durante as análises bivariadas.

Utilizando um modelo de regressão logística binária, cada variável confundidora foi testada para permitir estimar a probabilidade de ocorrência do desfecho (TMC) e o peso dessas variáveis para tal. Uma vez que este tipo de modelo de regressão exige variáveis quantitativas ou dicotômicas, houve necessidade de reagrupamento de algumas respostas em dois estratos para aplicação do modelo e cálculo da razão de prevalência (RP). Foi adotado um intervalo de confiança de 95% (IC95).

## Resultados e Discussão

Os dados das variáveis sociodemográficas são apresentados na tabela 1. Na população do estudo, a média de idade foi de 23 anos, com 57,8% abaixo da média. Dos 187 estudantes, 82,9% (N = 155) eram do sexo feminino e a maioria, 49,7% (N = 93), se autodeclarou como da raça/cor branca.

A maioria dos participantes (92,5%, N=173) afirmou não possuir companheiro(a), bem como também declarou não ter filho(s) (94,7%). No domicílio, 51,9% (N = 97) viviam com até 3 pessoas (média) e a maioria (77%) afirmou não morar com pessoas que precisam de cuidados permanentes. A maioria (96,8%) também declarou não ter ensino superior.

A média de renda familiar calculada foi 3 salários-mínimos e 60,4% (N = 113) estavam abaixo desta e, além disso, 72,2% (N = 135) afirmaram não trabalhar.

Quanto aos dados de vida acadêmica (Tabela 2), a maioria estava no sexto período da graduação (20,3%), 73,8% possuíam dois recursos online disponíveis para acompanhar as aulas online, com 31,6% afirmando que a qualidade da internet na residência era ‘boa’. A grande maioria dos entrevistados (97,3%) afirmou que tinha conhecimento ou acessado, anteriormente, algum ambiente virtual de aprendizagem sendo que 53,5% não tinha realizado nenhuma atividade em modelo remoto.

A maioria dos estudantes (80,7%) não tinha bolsas de estudo antes da pandemia e 54,0% afirmaram enfrentar fatores que dificultam a rotina dos estudos. Todos os entrevistados (100%) tinham acesso à internet

**Tabela 1.** Variáveis sociodemográficas dos estudantes de graduação em enfermagem de universidade federal, 2020 (N = 187).

VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS (UFF)	N	%
<b>Idade (média)</b>		
Até 23 anos	108	57,8
Acima de 23 anos	79	42,2
<b>Sexo</b>		
Feminino	155	82,9
Masculino	32	17,1
<b>Raça/cor</b>		
Preto	39	20,9
Branco	93	49,7
Outros	55	29,4
<b>Situação conjugal</b>		
Com companheiro (a)	14	7,5
Sem companheiro (a)	173	92,5
<b>Presença de filhos</b>		
Sim	10	5,3
Não	177	94,7
<b>Mora com os filhos</b>		
Sim	9	90,0
Não	1	10,0
<b>Número de moradores no domicílio</b>		
Até 3 moradores	97	51,9
Acima de 3 moradores	90	48,1
<b>Mora com pessoa que precisa de cuidados permanentes</b>		
Sim	43	33,0
Não	144	77,0
<b>Escolaridade</b>		
Até o ensino superior	181	96,8
Ensino superior completo	6	3,2
<b>Faixa de renda (média)</b>		
Até 3 salários-mínimos	113	60,4
Acima de 3 salários-mínimos	74	39,6
<b>Situação laboral</b>		
Trabalha	52	27,8
Não trabalha	135	72,2

N = total na linha; %= frequência relativa.

Fonte: pesquisa dos autores.

**Tabela 2.** Variáveis de vida acadêmica dos estudantes de graduação em enfermagem de universidade federal, 2020 (N = 187).

VARIÁVEIS DE VIDA ACADÊMICA	N	%
<b><i>Período que está cursando</i></b>		
Primeiro período	5	2,7
Segundo período	29	15,5
Terceiro período	14	7,5
Quarto período	27	14,4
Quinto período	21	11,2
Sexto período	38	20,3
Sétimo período	26	13,9
Oitavo período	14	7,5
Nono período	6	3,2
Décimo período	1	0,5
Desperiodizado	6	3,2
<b><i>Quantidade de recursos online disponíveis</i></b>		
Um	23	12,3
Dois	138	73,8
Três	22	11,8
Quatro	3	1,6
Cinco	1	0,5
<b><i>Qualidade do acesso à internet na residência</i></b>		
Ótima	54	28,9
Boa	59	31,6
Regular	58	31,0
Ruim	14	7,5
Péssima	2	1,1
<b><i>Conhecimento ou acesso em algum ambiente virtual de aprendizagem</i></b>		
Sim	182	97,3
Não	5	2,7
<b><i>Atividades realizadas em modelo remoto</i></b>		
Nenhum	100	53,5
Um	63	33,7
Dois	15	8,0
Três	7	3,7
Quatro	1	0,5
Cinco	1	0,5
<b><i>Possuía bolsa antes da pandemia</i></b>		
Sim	36	19,3
Não	151	80,7
<b><i>Existem fatores que dificultem a rotina de estudos</i></b>		
Sim	101	54,0
Não	86	46,0
<b><i>Possui acesso à internet onde mora atualmente</i></b>		
Sim	187	100
Não	0	0,0
<b><i>Possui ambiente próprio para estudo</i></b>		
Sim	160	85,6
Não	27	14,4

N = total na linha; %= frequência relativa.

Fonte: pesquisa dos autores.

em seus domicílios e 85,6% afirmaram que possuíam ambiente apropriado para estudo.

A prevalência geral de TMC na população do estudo foi de 71,1% (N = 133), o que indica o grau muito elevado de suspeição para estes transtornos. O valor de alfa de Cronbach, que mede a confiabilidade de um questionário, foi de 0,848, indicando boa consistência. As respostas para as questões do SRQ-20 estão apresentadas na tabela 3, em quatro grupos:

1) humor depressivo-ansioso; 2) sintomas somáticos; 3) decréscimo de energia vital; 4) pensamentos depressivos. O grupo 1 (humor depressivo-ansioso) apresentou o maior número de respostas “Sim”, com 87,2% para a pergunta “Sente-se nervoso, tenso ou preocupado?”. Em seguida, o grupo 4 apresentou 75,4% de respostas afirmativas para a pergunta “É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?”.

A partir da análise bivariada, pode-se observar

**Tabela 3.** Frequência de respostas ao SRQ-20, entre os estudantes de graduação em enfermagem de universidade federal, 2020 (N = 187)

SRQ-20	N	%
<b>Grupo 1 – humor depressivo-ansioso</b>		
<i>Sente-se nervoso, tenso ou preocupado</i>		
Sim	163	87,2
Não	24	12,8
<i>Assusta-se com facilidade</i>		
Sim	65	34,8
Não	122	65,2
<i>Tem se sentido triste ultimamente</i>		
Sim	131	70,1
Não	56	29,9
<i>Tem chorado mais do que de costume</i>		
Sim	73	39,0
Não	114	61,0
<b>Grupo 2 – sintomas somáticos</b>		
<i>Tem dores de cabeça frequentes</i>		
Sim	99	52,9
Não	88	47,1
<i>Dorme mal</i>		
Sim	104	55,6
Não	83	44,4
<i>Tem sensações desagradáveis no estômago</i>		
Sim	97	51,9
Não	90	48,1
<i>Tem má-digestão</i>		
Sim	78	41,7
Não	109	58,3
<i>Tem falta de apetite</i>		
Sim	59	31,6
Não	128	68,4
<i>Tem tremores nas mãos</i>		
Sim	46	24,6
Não	141	75,4
<b>Grupo 3 – decréscimo de energia vital</b>		
<i>Cansa-se com facilidade</i>		
Sim	112	59,9
Não	75	40,1
<i>Tem dificuldade em tomar decisões</i>		
Sim	117	62,6
Não	70	37,4
<i>Tem dificuldades no serviço</i>		
Sim	69	36,9
Não	118	63,1
<i>Sente-se cansado o tempo todo</i>		

**Tabela 3 (cont.).** Frequência de respostas ao SRQ-20, entre os estudantes de graduação em enfermagem de universidade federal, 2020 (N = 187).

SRQ-20	N	%
Sim	110	58,8
Não	77	41,2
<b>Tem dificuldade de pensar com clareza</b>		
Sim	91	48,7
Não	96	51,3
<b>Grupo 4 – pensamentos depressivos</b>		
<b>É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida</b>		
Sim	46	75,4
Não	141	24,6
<b>Tem perdido o interesse pelas coisas</b>		
Sim	107	57,2
Não	80	42,8
<b>Tem tido a ideia de acabar com a vida</b>		
Sim	27	14,4
Não	160	85,6
<b>Sente-se uma pessoa inútil, sem préstimo</b>		
Sim	65	34,8
Não	122	65,2

N = total na linha; %= frequência relativa.

Fonte: pesquisa dos autores.

a prevalência de TMC, de acordo com as variáveis estudadas. Dentre as variáveis demográficas, apenas sexo apresentou significância estatística para a suspeição de TMC, com 76,8% (n = 119, p ≤ 0,0001).

Em relação às variáveis de vida acadêmica, os

participantes que apresentam suspeição para TMC em uma frequência de 89,7% (n = 52; p = 0,032) relataram ter qualidade 'regular' do acesso à internet na residência e 92,6% (n = 25; p = 0,004) informaram que não tinham ambiente próprio para estudo (Tabela 4).

As razões de prevalência foram calculadas para

**Tabela 4.** Prevalência de suspeição de TMC, segundo variáveis relacionadas à vida acadêmica, entre os estudantes de graduação em enfermagem de universidade federal, 2020 (N = 187).

VARIÁVEIS DE VIDA ACADÊMICA	N	n	%	Valor de p
<b>Período que está cursando</b>				0,610
Primeiro período	5	5	100,0	
Segundo período	29	19	65,5	
Terceiro período	14	9	64,3	
Quarto período	27	20	74,1	
Quinto período	21	16	76,2	
Sexto período	38	28	73,7	
Sétimo período	26	15	57,7	
Oitavo período	14	9	64,3	
Nono período	6	6	100,0	
Décimo período	1	1	100,0	
Desperiodizado	6	5	83,3	
<b>Quantidade de recursos online disponíveis</b>				0,278
Um	23	17	73,9	
Dois	138	100	72,5	
Três	22	14	63,6	
Quatro	3	1	33,3	

**Tabela 4 (cont.).** Prevalência de suspeição de TMC, segundo variáveis relacionadas à vida acadêmica, entre os estudantes de graduação em enfermagem de universidade federal, 2020 (N = 187).

VARIÁVEIS DE VIDA ACADÊMICA	N	n	%	Valor de p
Cinco	1	1	100,0	
<b><i>Qualidade do acesso à internet na residência</i></b>				<b>0,032</b>
Ótima	54	29	53,7	
Boa	59	40	67,8	
Regular	58	52	89,7	
Ruim	14	10	71,4	
Péssima	2	2	100,0	
<b><i>Conhecimento ou acesso em algum ambiente virtual de aprendizagem</i></b>				<b>0,495*</b>
Sim	182	129	70,9	
Não	5	4	80,0	
<b><i>Atividades realizadas em modelo remoto</i></b>				<b>0,597</b>
Nenhum	100	73	73,0	
Um	63	46	73,0	
Dois	15	9	60,0	
Três	7	4	57,1	
Quatro	1	1	100,0	
Cinco	1	0	0,00	
<b><i>Possuía bolsa antes da pandemia</i></b>				<b>0,287*</b>
Sim	36	23	63,9	
Não	151	110	72,8	
<b><i>Existem fatores que dificultem a rotina de estudos</i></b>				<b>0,093</b>
Sim	101	77	76,2	
Não	86	56	65,1	
<b><i>Possui acesso à internet onde mora atualmente</i></b>				<b>---</b>
Sim	187	133	71,1	
Não	0	0	0,00	
<b><i>Possui ambiente próprio para estudo</i></b>				<b>0,004*</b>
Sim	160	108	67,5	
Não	27	25	92,6	

N = total na linha; n = total de suspeitos acima de 7; %= prevalência; P = Teste do qui quadrado de Pearson;

\*Valores do teste de Fischer.

Fonte: pesquisa dos autores.

algumas variáveis e são apresentadas na Tabela 5. As mesmas variáveis que apresentaram associação significativa na análise bivariada mantiveram diferença estatística e risco para o desfecho de TMC. Ser do sexo feminino indica risco quase 2 vezes maior para o desenvolvimento de TMC. O ambiente inapropriado para estudo indicou risco de 1,46 vez para o desfecho.

Após regressão logística binária e testes de modelos estatísticos, levando em consideração a suspeição para TMC e as variáveis confundidoras (sociodemográficas, vida acadêmica) permaneceu o risco entre aqueles com qualidade da internet ruim (RP = 1,21, IC95 = 1,18 - 6,37) e ser do sexo feminino (RP = 1,28, IC95 = 1,15 - 6,56). As demais variáveis investigadas, inseridas no modelo de regressão, uma por vez, deixaram de apresentar a associação com valores

estatisticamente válidos com o desfecho.

A inserção da mulher no mercado de trabalho tem sido considerado um fator de proteção da saúde mental, no entanto, o trabalho informal e sem qualificação é um fator gerador de estresse individual, em função das incertezas e inseguranças deste tipo de atividade laboral, por isso, torna-se importante a busca por formação profissional qualificada<sup>33</sup>.

Os TMC podem estar relacionados a fatores demográficos, socioeconômicos, condições de vida, situação de trabalho e estresse ocupacional. Estudos têm demonstrado uma associação positiva entre transtornos mentais e indivíduos do sexo feminino, em parte devido à baixa autoestima, falta de controle sobre suas circunstâncias de vida e desvalorização no trabalho. Além disso, pesquisas indicaram uma maior



**Tabela 5.** Razão de prevalência do modelo selecionado na análise de regressão logística múltipla binária, entre estudantes de graduação em enfermagem de universidade federal, 2022 (N=187)

VARIÁVEIS	N	n	%	RP	Valor de p
<b>Sexo</b>					
Feminino	155	119	76,8	1,75	≤0,0001
Masculino	32	14	43,8		
<b>Qualidade da internet</b>					
Boa	113	69	61,1	1,42	≤0,0001
Ruim	74	64	86,5		
<b>Possui ambiente próprio para estudo</b>					
Sim	160	108	67,5	1,46	0,004*
Não	27	25	92,6		

Legenda: N = total no estrato; n = número de estudantes suspeitos; % = frequência relativa; P = teste do qui-quadrado de Pearson; \*teste de Fischer; RP = Razão de prevalência.

Fonte: pesquisa dos autores.

predisposição de mulheres a transtornos internalizantes, influenciados por aspectos genéticos, hormonais, fisiológicos e de personalidade. É importante considerar essas diferenças de gênero ao analisar a relação entre adoecimento e ocupação<sup>34,35</sup>.

Vários estudos têm mostrado diferenças significativas na saúde mental entre mulheres e homens. No contexto do sistema judiciário no Rio Grande do Sul, foi observada uma maior prevalência de TMC em mulheres em comparação com homens (31,6%, 46,3%, respectivamente,  $p = 0,001$ ). Durante a pandemia, também foi identificado um risco quase três vezes maior de transtornos mentais em mulheres no RS (OR = 2,73;  $p < 0,01$ ). Nesta pesquisa em particular, também foi encontrada uma maior prevalência de suspeita de TMC entre estudantes do sexo feminino, sem associação estatisticamente significativa com outras variáveis demográficas (76,8%;  $p \leq 0,0001$ ; RP = 1,75), e não foi identificada associação estatisticamente significativa com outras variáveis demográficas<sup>7,33,36</sup>.

Em um estudo realizado em São João Del-Rei, Minas Gerais, foi avaliada a prevalência de TMC entre usuários do sistema de saúde pública. Utilizando o SRQ-20, com ponto de corte de  $\geq 7$  para suspeição de TMC, verificou-se uma prevalência de 43,7% na população estudada. Entre as variáveis sociodemográficas analisadas, três apresentaram significância estatística: sexo, uso de medicamentos e renda familiar. Os TMC foram mais frequentes entre aqueles com rendas mais baixas, sendo de 56,8% para participantes com renda inferior a um salário-mínimo<sup>37</sup>.

Em João Pessoa, Paraíba, estudo transversal com usuários de uma Unidade de Saúde da Família incluiu 181 participantes e avaliou os TMC com o SRQ-20. A maioria dos participantes era do sexo feminino (85,6%) e os resultados mostraram um maior risco de depressão e ansiedade nestes indivíduos (59,40%) em comparação com os homens (26,90%). Esse achado pode estar

relacionado a fatores culturais, como a frequência maior das mulheres aos centros de saúde, responsabilidade pelos cuidados da família e falta de programas voltados para a saúde masculina. Além disso, a disponibilidade limitada das unidades de saúde, que geralmente não funcionam à noite, dificulta o acesso dos homens que trabalham em turnos diurnos e vespertinos. Quando considerada a ocupação, as mulheres que se declararam donas de casa apresentaram um aumento significativo na incidência (65,5%;  $p = 0,01$ ), o que pode indicar dificuldades relacionadas ao trabalho e à capacidade produtiva<sup>38</sup>.

Estudos realizados em outros países também mostram uma associação positiva entre TMC e sexo. Na Grécia, uma pesquisa com 4.894 participantes adultos revelou que quase todos os diagnósticos psiquiátricos, foram mais prevalentes em mulheres do que em homens. Além disso, sintomas como fadiga, preocupação e obsessões foram mais comuns em mulheres<sup>39</sup>.

Historicamente, as mulheres têm desempenhado múltiplas atividades em suas vidas, incluindo trabalho, afazeres domésticos e responsabilidades sociais. Não é surpreendente encontrar uma maior prevalência de TMC entre mulheres nos estudos. A desigualdade de gênero é uma realidade global, refletindo-se nos direitos humanos, na desigualdade de renda e na desvalorização profissional. Essa realidade perpetua um ciclo vicioso que exigirá grandes esforços para ser rompido.

No Brasil, medidas de contenção da disseminação da covid-19 foram implementadas em março de 2020, levando ao cancelamento de atividades presenciais, incluindo as acadêmicas. A transição para o ensino remoto foi rápida e sem precedentes, exigindo preparação e adaptação por parte de professores, alunos e técnicos-administrativos. O uso de ferramentas digitais para busca de suporte social e migração das atividades presenciais para virtuais têm impacto na saúde mental, e é importante analisar o uso excessivo desses meios.

A escolha das melhores ferramentas de ensino remoto depende de variáveis como o público-alvo, a pedagogia e a comunicação sincronizada, bem como as avaliações. Adultos podem se beneficiar da flexibilidade de horários e atividades assíncronas, enquanto os jovens podem requerer mais atividades síncronas. A transição para o ensino remoto apresenta desafios e considerações específicas que devem ser levadas em conta para garantir um ambiente de aprendizado eficaz<sup>40</sup>.

No Brasil, há um grande número de smartphones em circulação, com mais de um aparelho por habitante, e o acesso à internet por meio de celulares tem aumentado. Durante a pandemia, uma pesquisa no Tocantins revelou que os estudantes de ensino a distância enfrentaram dificuldades emocionais, na organização da rotina e na redução da renda familiar, afetando o desempenho acadêmico. Além disso, a falta de ambiente adequado para estudos também foi relatada. Um estudo na Coreia do Sul mostrou que estudantes de enfermagem no ensino remoto sentiram estresse, ansiedade e pressão devido à incerteza da pandemia, aumento da carga de trabalho e insatisfação com o novo formato de aprendizado. Da mesma forma, a presente pesquisa identificou que a qualidade do acesso à internet afetou a suspeição para os TMC (89,7%;  $p \leq 0,0001$ ). Estudo realizado em Volta Redonda/RJ também destacou que a qualidade da internet e fatores externos foram fontes de estresse no ensino remoto. Qualidade do acesso à internet e adaptação ao ensino remoto são fatores importantes a serem considerados para o bem-estar dos estudantes<sup>41,42</sup>.

Na presente pesquisa, todos os participantes tinham acesso à internet, mas a falta de ambiente adequado para estudo foi relatada por uma proporção significativa dos participantes com suspeita para TMC (92,6%,  $n=25$ ;  $p=0,004$ ). Isso indica que simplesmente ter acesso aos recursos online não garante o mesmo nível de aprendizado do ensino presencial. O sofrimento psicológico pode estar relacionado à interrupção abrupta de atividades importantes e prazerosas. Nos Estados Unidos, um estudo com estudantes de enfermagem em comparação com estudantes de outras áreas mostrou que os estudantes de enfermagem apresentaram níveis mais altos de estresse durante a pandemia. No entanto, os estudantes de enfermagem também expressaram confiança em sua capacidade de lidar com adversidades e consideraram que a experiência durante a pandemia poderia contribuir para seu desenvolvimento profissional futuro. Estudos sobre crescimento pós-traumático sugerem que enfrentar com sucesso períodos de crise pode levar a mudanças comportamentais positivas e os estudantes de enfermagem mostraram indicadores mais favoráveis de crescimento pós-traumático em comparação com indivíduos que passaram por outras situações traumáticas, como desastres naturais ou diagnósticos de doenças graves<sup>43-46</sup>.

Durante a pandemia, o acesso à internet e o conhecimento de recursos tecnológicos foram importantes para os estudantes e a população em geral. Eles permitiram o prosseguimento das atividades acadêmicas e também foram utilizados para obter informações e manter contato com amigos e familiares. As interações pessoais são fatores protetores para transtornos mentais, e profissionais e estudantes de saúde estão mais propensos a esses transtornos. A literacia em saúde, ou seja, o conhecimento adequado sobre prevenção e tratamento de doenças, pode ser um fator protetor para esse grupo. No entanto, o acesso excessivo a informações pode ser um fator de risco, como evidenciado por estudos que relacionam estresse pós-traumático ao acesso excessivo a informações sobre eventos traumáticos. O estresse e a ansiedade afetam negativamente as capacidades cognitivas e podem resultar em problemas de aprendizagem. Os estudantes tiveram que se adaptar rapidamente a metodologias de ensino alternativas, o que aumentou os fatores estressores. Estudantes de enfermagem relataram dificuldade de concentração, ansiedade, preocupação com a carga de atividades e desempenho acadêmico durante a pandemia. É importante considerar as particularidades dos estudantes e promover uma formação mais humanizada, para se tornarem profissionais mais atentos às necessidades dos pacientes<sup>36,47-51</sup>.

Uma limitação deste estudo é o tamanho pequeno da amostra, o que levou a uma distribuição não normal dos dados. Isso restringiu uma análise mais robusta dos resultados. Ademais, os estudos transversais só permitem estabelecer hipóteses sobre possíveis causas de uma condição e não permitem acompanhar os participantes ao longo do tempo. No entanto, são úteis para avaliar as necessidades de saúde de uma população e fornecer indicadores de tendências<sup>52,53</sup>.

## Considerações finais

A presente pesquisa propiciou conhecer algumas características da população estudada, a realidade durante a pandemia e características da vida acadêmica. A média de idade encontrada foi de 23 anos, maioria do sexo feminino, autodeclarados brancos, sem companheiro(a), sem filho(s), vivendo com até 3 pessoas e sem pessoas que demandam cuidados permanentes. A média de renda familiar foi de até 3 salários-mínimos e a maioria dos participantes afirmou que não trabalhava.

Os resultados do *Self-report questionnaire* 20 (SRQ-20) com prevalência de respostas ‘sim’ para a pergunta “sente-se nervoso, tenso ou preocupado?” e ‘sim’ para a pergunta “é incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?” denotam a preocupação com os indicativos de tristeza naquele momento. A prevalência geral na população estudada para os transtornos

mentais comuns foi de 71,1%, indicando alto grau de suspeição.

Sobre as associações encontradas com o desfecho TMC, algumas variáveis apresentaram significância estatística como sexo, qualidade da internet na residência e ambiente próprio para estudo.

Mesmo com as limitações do modelo do estudo da presente pesquisa, foi possível perceber alguns indicativos interessantes que devem ser norteadores de ações e atividades para reduzir a propensão aos TMC entre os estudantes de graduação, a par do contexto pandêmico.

Sabe-se que o ambiente acadêmico é ansiogênico, tem carga de atividades maior do que o ambiente escolar e as diversas mudanças que ocorrem ao mesmo tempo propiciam situações de aumento de tensão. Os hábitos de vida são importantes para contrabalançar a sobrecarga as quais os estudantes estão sujeitos. Ademais, estar munido de informações corretas e de qualidade permite entender as condições que podem ser gatilhos de ordem emocional. Salienta-se que os participantes da pesquisa são estudantes da área da saúde e, em pouco tempo, estarão tratando, cuidando, educando e orientando indivíduos sobre suas próprias vidas e, paradoxalmente, não deveriam estar descuidando de si próprios.

Ressalta-se ainda que alguns dos fatores analisados com potencial de desencadear os TMC entre os estudantes estariam fora do controle individual. A ausência de ambiente próprio para estudo (fora da universidade) e a qualidade da internet não foram questões de fácil resolução no período de isolamento social. Os resultados encontrados foram apresentados para os participantes e para os gestores competentes e servirão de base para soluções possíveis e viáveis uma vez que estes obstáculos podem se tornar fonte de adoecimento.

O período de formação profissional deve ser recheado de momentos e lembranças positivas para os estudantes. Além disso, sabe-se que a inserção feminina no mercado de trabalho formal está associado a uma melhor qualidade de saúde mental porque ajuda no orçamento doméstico e protege do isolamento, monotonia e baixo status. Esse é mais um dado que deve ser destacado, uma vez que a maior parte dos estudantes de enfermagem é do sexo feminino e esta variável é um fator de risco para o adoecimento.

As ações em saúde mental sempre foram consideradas de modo isolado, em uma tentativa de exclusão dos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Porém, sabe-se que esses fatores fazem parte de um todo indivisível junto com os fatores fisiológicos, genéticos e físicos no adoecimento e na perpetuação de situações de desigualdade, sejam ela de gênero, de raça/cor, de renda, de trabalho, de papéis sociais, de direitos humanos e de justiça social.

A partir do momento em que se identificam os

determinantes sociais e econômicos da saúde mental, é possível que sejam integrados na formulação de políticas e programas de saúde coletiva, contribuindo, assim, para a redução destes transtornos na população acadêmica e, em última análise, diminuir a carga global de doenças. Uma vez conhecidos os determinantes e os fatores que dificultam ou obstaculizam o andar do estudante nos espaços acadêmicos, devem servir de base para programas de apoio institucional para enfrentar as adversidades e reduzir o impacto na vida dos alunos. Essa pesquisa pode ser um importante instrumento de utilização para avaliar a saúde mental dos acadêmicos ao longo do curso e a efetividade de ações e programas que vieram a ser implementados.

## Referências

1. OMS. Organização Mundial da Saúde. Mental Health Action Plan 2013-2020 [Internet]. 2013 [citado 24 de maio de 2020]. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/89966/9789241506021\\_eng.pdf;jsessionid=4E5A5F2FDF4392FD09B45C3F9EF869D1?sequence=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/89966/9789241506021_eng.pdf;jsessionid=4E5A5F2FDF4392FD09B45C3F9EF869D1?sequence=1)
2. OMS. Organização Mundial da Saúde. Folha informativa - Depressão [Internet]. 2018. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095)
3. WHO. The WHO special initiative for mental health (2019-2023): universal health coverage for mental health. [Internet]. 2019. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/310981>
4. Prince M, Patel V, Saxena S, Maj M, Maselko J, Phillips MR, et al. No health without mental health. *The Lancet*. setembro de 2007;370(9590):859–77.
5. Sequeira C, Carvalho JC, Borges E, Sousa C. Vulnerabilidade mental em estudantes de enfermagem no ensino superior: estudo exploratório. *J Nurs Health*. 2013;3(2):12.
6. Carlotto MS, Barcinski M, Fonseca R. Transtornos mentais comuns e associação com variáveis sociodemográficas e estressores ocupacionais: uma análise de gênero. *Estud Pesqui Psicol Online Rio Jan*. 2015;15, n.3:1006–26.
7. Freire NP, Cunha ICKO, Ximenes Neto FRG, Machado MH, Minayo MC de S. A infodemia transcende a pandemia. *Ciênc Saúde Coletiva*. setembro de 2021;26(9):4065–8.
8. Ornell F, Schuch JB, Sordi AO, Kessler FHP. “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. *Braz J Psychiatry*. junho de 2020;42(3):232–5.
9. Lima CKT, Carvalho PM de M, Lima I de AAS, Nunes JVA de O, Saraiva JS, de Souza RI, et al. The emotional impact of Coronavirus 2019-nCoV (new Coronavirus disease). *Psychiatry Res*. maio de 2020;287:112915.
10. Pereira MD, Oliveira LC de, Costa CFT, Bezerra CM de O, Pereira MD, Santos CKA dos, et al. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. *Res Soc Dev*. 5 de junho de 2020;9(7):e652974548.
11. Wang Z, Tang K. Combating COVID-19: health equity matters. *Nat Med*. abril de 2020;26(4):458–458.
12. Gurgel A do M, Santos CCS dos, Alves KP de S, Araujo JM de, Leal VS. Estratégias governamentais para a garantia do direito humano à alimentação adequada e saudável no enfrentamento à pandemia de Covid-19 no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*. dezembro de 2020;25(12):4945–56.
13. Batista R da S, Santos MS dos, Melo EC, Moreira RC, Martins JT, Galdino MJQ. Burnout and academic satisfaction of nursing students in traditional and integrated curricula. *Rev Esc Enferm USP*. 2021;55:e03713.

15. Ferreira CL, Almondes KM de, Braga LP, Mata AN de S, Lemos CA, Maia EMC. Universidade, contexto ansiogênico? Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. *Ciênc Saúde Coletiva*. junho de 2009;14(3):973–81.
16. Fong CM. A longitudinal study of the relationships between overload, social support, and burnout among nursing educators. *J Nurs Educ*. janeiro de 1993;32(1):24–9.
17. Nogueira MJ, Sequeira C. A SAÚDE MENTAL EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR. RELAÇÃO COM O GÊNERO, NÍVEL SOCIOECONÔMICO E OS COMPORTAMENTOS DE SAÚDE. *Rev Port Enferm Saúde Ment* [Internet]. agosto de 2017 [citado 14 de fevereiro de 2022];(spe5). Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/nspe5/nspe5a09.pdf>
18. Pereira FLR, Medeiros SP, Fernandes Salgado RG, Castro JNA de, Oliveira AMN de. Anxiety signs experienced by nursing undergraduates / Manifestações de ansiedade vivenciadas por estudantes de enfermagem. *Rev Pesqui Cuid É Fundam Online*. 1o de julho de 2019;11(4):880–6.
19. Souza MR de, Caldas TCG, De Antoni C. FATORES DE ADOECIMENTO DOS ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Psicol E Saúde Em Debate*. 11 de julho de 2017;3(1):99–126.
20. Rocha NL, Sora AB de A, Lapa A da T, Dos Santos DD. Construindo o Projeto Cuidadosamente: reflexão sobre a saúde mental dos graduandos de Enfermagem frente ao COVID-19. *Rev Saúde Coletiva UEFES*. 24 de maio de 2020;10(1):13–7.
21. Schmidt B, Crepaldi MA, Bolze SDA, Neiva-Silva L, Demenech LM. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). *Estud Psicol Camp*. 2020;37:e200063.
22. Ballão C. Metodologia da Pesquisa. Curitiba: Instituto Federal do Paraná; 2012. 104 p.
23. Costa MAF da, Costa M de FB da. Metodologia da pesquisa: conceitos e técnicas. Rio de Janeiro (RJ): Interciência; 2009.
24. Costa SF. Método científico: os caminhos da investigação. São Paulo: Editora Harbra; 2001.
25. Harding TW, De Arango V, Baltazar J, Climent CE, Ibrahim HHA, Ladrado-Ignacio L, et al. Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. *Psychol Med*. maio de 1980;10(2):231–41.
26. Mari J de J, Williams P. A Validity Study of a Psychiatric Screening Questionnaire (SRQ-20) in Primary Care in the city of Sao Paulo. *Br J Psychiatry*. janeiro de 1986;148(1):23–6.
27. Gonçalves DM, Stein AT, Kapczinski F. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. *Cad Saúde Pública*. fevereiro de 2008;24(2):380–90.
28. Ludermitr AB, Lewis G. Informal work and common mental disorders. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*. setembro de 2003;38(9):485–9.
29. Santos ÉG dos, Siqueira MM de. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. *J Bras Psiquiatr*. 2010;59(3):238–46.
30. IBGE. IBGE divulga estudo especial da PME sobre Cor ou Raça | Agência de Notícias [Internet]. 2006 [citado 14 de fevereiro de 2022]. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13206-asi-ibge-divulga-estudo-especial-da-pme-sobre-cor-ou-raça>
31. Hosmer DW, Lemeshow S. Applied logistic regression. New York: Wiley; 1989. 307 p. (Wiley series in probability and mathematical statistics).
32. Morettin PA, Bussab W de O. Estatística básica. São Paulo: Saraiva; 2010.
33. Ludermitr AB. Inserção produtiva, gênero e saúde mental. *Cad Saúde Pública*. setembro de 2000;16(3):647–59.
34. Frankenhaeuser M, Gardell B. Underload and Overload in Working Life: Outline of a Multidisciplinary Approach. *J Human Stress*. setembro de 1976;2(3):35–46.
35. Ludermitr AB. Desigualdades de classe e gênero e saúde mental nas cidades. *Physis Rev Saúde Coletiva*. setembro de 2008;18(3):451–67.
36. Duarte M de Q, Santo MA da S, Lima CP, Giordani JP, Trentini CM. COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*. setembro de 2020;25(9):3401–11.
37. Moreira JKP, Bandeira M, Cardoso CS, Scalon JD. Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em uma população assistida por equipes do Programa Saúde da Família. *J Bras Psiquiatr*. 2011;60(3):221–6.
38. Andrade FB de, Bezerra AIC, Pontes ALF de, Filha MOF, Vianna RP de T, Dias MD, et al. Saúde mental na atenção básica: um estudo epidemiológico baseado no enfoque de risco. *Rev Bras Enferm*. outubro de 2009;62(5):675–80.
39. Skapinakis P, Bellou S, Koupidis S, Grammatikopoulos I, Theodorakis PN, Mavreas V. Prevalence and sociodemographic associations of common mental disorders in a nationally representative sample of the general population of Greece. *BMC Psychiatry*. dezembro de 2013;13(1):163.
40. Hodges C, Moore S, Lockee B, Trust T, Bond A. The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning [Internet]. 2020 [citado 13 de fevereiro de 2022]. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>
41. De Gagne JC, Cho E, Park HK, Nam JD, Jung D. A qualitative analysis of nursing students' tweets during the COVID-19 pandemic. *Nurs Health Sci*. janeiro de 2021;23(1):273–8.
42. Pereira RM da S, Selvati F de S, Ramos K de S, Teixeira LGF, Conceição MV da. VIVÊNCIA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19. *Rev Práxis* [Internet]. 21 de dezembro de 2020 [citado 20 de março de 2022];12(1sup). Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/3458>
43. Silva HGN, Santos LES dos, De Oliveira AKS. Efeitos da pandemia do novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades /Effects of the new Coronavirus pandemic on the mental health of individuals and communities. *J Nurs Health* [Internet]. 15 de maio de 2020 [citado 14 de fevereiro de 2022];10(4). Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18677>
44. Teixeira PTF, Lima JDS, Guerreiro ML da S. As Implicações Psicológicas Desencadeadas pelo Excesso de Informações em Tempos de Pandemia Covid-19 / The Psychological Implications Triggered by the Excess of Information in Times of Pandemic Covid-19. *ID Line Rev Psicol*. 31 de maio de 2021;15(55):676–95.
45. Black Thomas LM. Stress and depression in undergraduate students during the COVID-19 pandemic: Nursing students compared to undergraduate students in non-nursing majors. *J Prof Nurs*. janeiro de 2022;38:89–96.
46. Yıldız E. Posttraumatic growth and positive determinants in nursing students after COVID-19 alarm status: A descriptive cross-sectional study. *Perspect Psychiatr Care*. outubro de 2021;57(4):1876–87.
47. Mota DCB, Silva YV da, Costa TAF, Aguiar MH da C, Marques ME de M, Monaquezi RM. Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. *Ciênc Saúde Coletiva*. junho de 2021;26(6):2159–70.
48. Neria Y, Sullivan GM. Understanding the mental health effects of indirect exposure to mass trauma through the media. *JAMA*. 28 de setembro de 2011;306(12):1374–5.
49. Rosa SM. Virtual Social Interaction and Mental Health During COVID-19. [Tese de Doutorado]. [EUA]: Brandeis University; 2021.
50. Cavalcante RD de O, Silva JLL da, Ramos GFS. Saúde mental dos discentes de Enfermagem mediante a pandemia do COVID-19: revisão integrativa da literatura. *Res Soc Dev*. 20 de fevereiro de 2022;11(3):e24211326517.
51. Leal G da C, Martinez EZ, Mandrá PP, Jorge TM. Self-perception of non-cognitive skills among undergraduate health students during Covid-19.

Rev Bras Educ Médica. 2021;45(4):e239.

52. Beaglehole R, Kjellstrom T, Bonita R. Basic Epidemiology. [Internet]. World Health Organization; 2006 [citado 13 de fevereiro de 2022]. Disponível em: <http://www.mylibrary.com?id=95740>

53. Levin KA. Study design III: Cross-sectional studies. Evid Based Dent. março de 2006;7(1):24-5.